

# Bailarina diz que dança é sua fonte da juventude

**LÚCIA TOLLER, 61 ANOS, COMEÇOU A BAILAR QUANDO TINHA APENAS DEZ E HOJE É UMA DAS MAIORES PERSONALIDADES NA ÁREA. A PIONEIRA REVELA SEU AMOR POR BRASÍLIA**

Ísis Valle

**M**esmo sem o apoio dos pais para realizar o sonho de ser bailarina, Lúcia Toller, 61 anos, conseguiu seguir carreira, que hoje enxerga como uma forma de manter a juventude. Foram 51 anos de apresentações e viagens, que guarda na forma de ótimas lembranças. Aos dez anos de idade entrou pela primeira vez numa sala de aula de ballet, no Rio de Janeiro, e seis anos mais tarde, já professora, veio para Brasília trazendo no colo o filho do primeiro casamento. Hoje, Lúcia se diz realizada, mas sente no coração o pesar de quem ajudou a construir a cidade e a vê imersa na corrupção. "Quando Brasília ficou séria, ela ficou triste".

Em 1961, a bailarina veio ficar um mês na "colônia de férias" - como carinhosamente chama os acampamentos da época da construção de Brasília - local que permaneceu e construiu uma nova vida. A paixão pela dança, ela trouxe de Niterói onde morava desde pequena. Com dez anos, Lúcia conheceu o ballet em festivais que aconteciam na cidade e em filmes. A menina, que era pianista desde os seis anos, estava determinada a convencer os pais a deixá-la trocar de arte. Mesmo sendo uma época em que o ballet não era coisa para moça de família - pois não se podia mostrar as pernas -, não teve dificuldades.

"Eu detestava estudar. Então propus uma troca com meus pais: eu melhoraria na escola se pudesse aprender ballet", diverte-se ao lembrar que não queria nada com a vida escolar. Principalmente porque estudava em um colégio de freiras e tinha que ajoelhar ao meio dia, depois da manhã inteira de aulas, para rezar o terço. "Imagina, a gente lá morrendo de fome e tendo que ficar rezando! Eu almoçava muito tarde porque depois rodava a cidade inteira no ônibus escolar. Achava muito chato".

Proposta aceita, a carreira deslanchou. A vontade de dançar era tanta que tudo aconteceu aceleradamente. Lúcia aprendia com muita facilidade e, em pouco tempo estava treinando até altas horas da noite. Aos 13 anos, conheceu a vida de artista. Quase todo o fim de semana se apresentava na televisão, em programas

da TV Tupi e da TV Rio. Até que a mãe, que sempre levava a pré-adolescente, se cansou de toda semana ir de Niterói para o Rio de Janeiro para as gravações.

As apresentações em outros eventos, porém, continuavam. Aos 14 anos, ela começou a dançar com a primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi numa festa de rusos que a bailarina conheceu o homem com quem namorou cerca de dez meses e ficou casada mais dez. Com o iugoslavo Dulsan Martinovic, que tinha o dobro de sua idade na época, teve Alexander Martinovic, hoje com 41 anos e coordenador de musculação da Academia que tem o nome da mãe.

**Uma nova família** - Dulsan faleceu quando Alexander tinha 10 anos, mas Lúcia conta que a história, iniciada há 47 anos, voltou de uma forma melhor. O iugoslavo morreu nos braços de um amigo que mora no Brasil e entrou em contato com a mãe e o filho. Alexander descobriu um meio irmão no Canadá e vários outros parentes por parte de pai, uma outra família. "Ele ganhou na loteria. São coisas bonitas que você não espera da vida", alega-se a mãe.

**Academia** - Foi de uma situação inesperada - a mudança para Brasília - que surgiu a maior patrimônio da professora, a Academia Lúcia Toller, na 108/308 Sul. No começo, dar aulas foi uma alternativa para despistar a monotonia do deserto que se transformava em cidade. "A idéia era fazer alguma coisa, não tinha nada, era mato puro". A professora dava aula para as filhas dos pioneiros nos clubes e associações enquanto não havia cidade, somente acampamentos. Quando a cidade começou a aparecer, a bailarina dava aulas nas instituições de ensino. "Era muito engraçado. Só podia fazer aula com roupa, todo mundo descalço, na sala do colégio".

**Segundo casamento** - Nessa época, estava casada com o engenheiro do Banco do Brasil Samir Cury, com quem viveu 18 anos e teve mais dois filhos. Os dois se conheceram em uma reunião de amigos. "Hoje em dia tem essa coisa de bar, naquela época não tinha. Mas os melhores lugares para conhecer gente é na igreja, em concertos, no teatro, em churrascos. Em bar só tem problemático", aconselha.

Com o fim dos dois casa-

mentos e os três filhos criados, Lúcia mora hoje sozinha em uma grande casa no Lago Sul. "O problema é ficar sozinha, mas quanto mais apertado, mais difícil". Durante toda a vida, a bailarina trabalhou e dançou muito, e a receita que dá para continuar firme e forte é uma só: não parar. Ela acredita que tanto esforço na arte despista sua idade.

A única coisa que ela faz de diferente agora é não viajar tanto para fora do País. "No exterior é tudo muito dinheiro. Não vou para os Estados Unidos, por exemplo, para ter que tirar o sapato no aeroporto". Antes, era uma média de duas viagens por ano. Não de turismo, mas para fazer cursos de aperfeiçoamento em todo mundo. Durante os meses em que ficava fora, o que mais lhe fazia falta era o calor brasileiro. "Eu fazia as viagens,

mas era uma apunhalada no peito. As pessoas não conseguem nem encostar em você. Eu saía das aulas com dor no coração de tanta frieza, indiferença, rejeição", recorda-se.

O coração também aperta ao falar da situação atual do Brasil, cultural e política. Quanto à arte, sente que há muito desrespeito, que é difícil trabalhar com cultura. "As pessoas não querem que você faça, é quase punitivo fazer algo bom". A respeito do Congresso Nacional, é incisiva: "Tinha que jogar esse povo todo na selva para construir uma nova Brasília, para aprender a ser solidário como a gente era na época da construção da cidade".

Lúcia continua ministrando cursos, para a surpresa de várias bailarinas. "Eu chego e elas me olham esquisito, pensando 'o que essa velha está fazendo aqui?'. Mas quando eu começo a fazer as coisas, começam a pensar 'ela roda também! Salta também!'. Então ficam super interessadas e começam a se aproximar", ri a eterna aprendiz. Lúcia lembra de um senhor que um dia afirmou não ter mais nada para aprender e adverte: "Para mim a dança é conexão com todas as energias. Tem que conectar para não viver de memória. Tem que viver o hoje, se não, se está morto".



Fotos: Antônio Araújo

**Dançarina, com 51 anos de profissão, tem uma das mais renomadas academias de Brasília, localizada na 108/308 Sul**

